



BOLETIM SOBRE DIREITOS HUMANOS



<https://multimedia.europarl.europa.eu>

www.cddmoz.org

Quinta - feira, 12 de Dezembro de 2024 | Ano V, n.º 349 | Director: Prof. Adriano Nuvunga | Português

Agudização da Crise Política e de Direitos humanos: O Mundo deve olhar para Moçambique com especial atenção para se evitar descida ao abismo

- O país está parado. O número de mortos e feridos não pára de subir, sendo que neste momento há um registo de 118 pessoas assassinadas no contexto das manifestações. O número de detidos arbitrariamente também não pára de crescer



A crise pós-eleitoral em que Moçambique se encontra mergulhado desde 21 de Outubro, na sequência das eleições de 9 de Outubro, marcadas por denúncias de fraude eleitoral, está a cada dia que passa a ganhar contornos alarmantes, com impacto a todos os níveis, destacadamente para os direitos humanos. O governo, que ao longo dos tempos investiu na promoção de injustiças e diferenças sociais, bem como em

práticas como corrupção, falta de transparência e manipulação dos processos eleitorais, que retiram a confiança dos cidadãos nas instituições democráticas, não consegue mais controlar a revolta, e Moçambique caminha para já rumo ao abismo, se nada for feito. Quando internamente parece faltarem soluções, o Mundo é chamado a olhar para Moçambique com mais atenção para evitar que o pior aconteça.

Mortes, paralisação e destruição

Antes de Moçambique entrar para a chamada quarta fase da quarta etapa (4X4) das manifestações, perto de 100 pessoas tinham sido assassinadas devido à acção violenta da Polícia da República de Moçambique (PRM). Dizemos acção violenta da polícia, tendo em conta que o povo que iniciou as manifestações de forma pacífica começou a atacar agentes da Polícia, numa acção que pode ser entendida como retaliação, depois de anos de violência policial e opressão. Terminada ontem, quarta-feira, 11 de Dezembro, a fase 4x4, há um registo de 118 vítimas mortais, na sua maioria civis assassinados pela Polícia por atropelamento, disparos de balas verdadeiras, balas de borracha ou por inalação de gás lacrimogéneo.



Paralisação

A falta de acções conducentes à satisfação de uma das causas da revolta popular nas ruas, a justiça eleitoral, bem como um alegado atentado contra Venâncio Mondlane, fez escalar os protestos com o bloqueio, mais uma vez, da fronteira de Ressano Garcia, a mais importante para o país e para a região. Em Ressano Garcia, houve ainda ordens por parte dos manifestantes para a paralisação das actividades de produção de corrente eléctrica.

Ao longo do período 4x4 também se assistiu ao bloqueio da Estrada Nacional Número 1, em Bobole, Marracuene. Estes dois bloqueios eram acompanhados da paralisação do trânsito das 08h00 às 16h00 e, conseqüentemente, das actividades, com particular destaque para Maputo e Matola. Enfim, o país esteve parado durante sete dias.



Destruição

A falta de sinais que levassem o povo à esperança de ver feita a justiça eleitoral levou à destruição de infraestruturas públicas e privadas. Entre as públicas estão esquadras e direcções distritais de eleições. Entre as privadas se destacam as sedes do partido Frelimo e empreendimentos de natureza comercial de pessoas ligadas àquele partido. Tais actos ocorreram um pouco por todo o país, mas o destaque vai mesmo para a província de Gaza, no sul de Moçambique, e Pemba, a capital de Cabo Delgado, no extremo norte do país.

Gaza e Pemba são, neste momento, os “bastiões do império”. Gaza é considerado “bastião da Frelimo”, pois por via da manipulação e do silenciamento de vozes dissidentes, aquele partido sempre venceu as eleições a 100 por cento em Gaza, apesar da pobreza,

injustiças e diferenças que afectam aquele ponto do país. Cabo Delgado é a província natal do actual Presidente da República, Filipe Nyusi, do seu tio Alberto Chipande, o histórico general, a quem a história oficial atribui a autoria do primeiro tiro na Luta de Libertação Nacional. Chipande viu a sua estátua ser derrubada e arrastada pela cidade. Parte do núcleo duro do poder é de Cabo Delgado.

A explicação para a destruição de infraestruturas públicas e privadas é simples. As comissões distritais de eleições são descritas pelo povo como o centro da fraude. As esquadras são atacadas como sinal de retaliação à violência policial. A destruição das sedes da Frelimo é um sinal de repúdio pela captura do Estado e pelas narrativas de diabolização dos manifestantes.



Um chamado para evitar que o pior aconteça

Nos últimos tempos, multiplicam-se os apelos para um diálogo para pôr fim ao conflito pós-eleitoral numa sociedade altamente polarizada. Não obstante esses apelos, a situação tende a sair do controle com impacto a todos os níveis e muito particularmente para os direitos humanos. Desde o início do conflito, há um registo de 118 óbitos, milhares de feridos e milhares de detidos arbitrariamente. Uma escalada da detenção, como parece ser a tendência, vai deteriorar a crise de direitos humanos. Neste sentido, a par de esforços internos para a busca de soluções para crise, se pede que o Mundo olhe para Moçambique com particular atenção. Uma crise em Moçambique é uma crise no Mundo.






Construindo uma sociedade democrática que promove, protege e respeita os Direitos Humanos.

Building a democratic society that promotes, protects, respect human rights & transform people's lives.

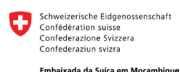
INFORMAÇÃO EDITORIAL:

Propriedade: CDD – Centro para Democracia e Direitos Humanos
Director: Prof. Adriano Nuvunga
Editor: André Mulungo
Assistentes do Programa: Artur Malate; Yara Carina Lamúgio; Stella Bié
Autor: CDD
Layout: CDD

Contacto:
Rua de Dar-Es-Salaam Nº 279, Bairro da Sommerschild, Cidade de Maputo.
Telefone: +258 21 085 797

 CDD_moz
E-mail: info@cddmoz.org
Website: <http://www.cddmoz.org>

PARCEIROS DE FINANCIAMENTO



Embaixada da Suíça em Moçambique

